



ABJEÇÃO EM JULIA KRISTEVA: INTERLOCUÇÕES COM MARY DOUGLAS E JUDITH BUTLER

MANOEL RUFINO DAVID DE OLIVEIRA¹

RESUMO: Neste estudo, discutimos o conceito de “abjeção” desenvolvido na obra *Powers of Horror* de Julia Kristeva em interlocução com os escritos de Mary Douglas e de Judith Butler. Para tanto, em primeiro lugar, apresentamos o conceito de “abjeção”, conforme desenvolvido por Kristeva na sua obra *Powers of Horror*. Em segundo, analisamos a forma como o conceito kristeviano de abjeção faz interlocução com os estudos em “poluição” de Mary Douglas. Por fim, analisamos as semelhanças e diferenças entre Julia Kristeva e Judith Butler, a partir da discussão das “pessoas poluidoras” como um exemplo de “abjeção social”.

PALAVRAS-CHAVE: Julia Kristeva. Mary Douglas. Judith Butler. Abjeção.

ABSTRACT: In this article we seek to discuss the concept of “abjection”, as discussed in the work “*Powers of Horror*” by Julia Kristeva, an author whose thought is still not widespread in Brazil, the reason why we discuss the relevance of the author for philosophical studies contemporaries, considering her dialogue with Mary Douglas and Judith Butler. In order to do so, first of all, we present the concept of “abjection”, as developed by Kristeva in her work *Powers of Horror*. Second, we present the interlocution made with the English anthropologist Mary Douglas and her studies on pollution and dirt. Finally, we analyze the dialogues between Julia Kristeva and Judith Butler, based on the discussion of abjection under a social approach and the “polluting people”.

KEYWORDS: Julia Kristeva; Mary Douglas; Judith Butler; Abjection.

Julia Kristeva é uma das pensadoras contemporâneas bastante influentes, pois seus trabalhos são utilizados concomitantemente como referência nas áreas de filosofia, psicanálise, teoria feminista, crítica de artes, estudos culturais e, especialmente, teoria literária. Segundo Noelle McAfee (2004, p. 1), uma das principais comentadoras de Kristeva, o pensamento kristeviano tem há décadas permitido compreender a literatura oral e escrita, a política, a identidade nacional, a sexualidade, a cultura e a natureza. Enquanto outros pensadores

¹ Professor substituto vinculado ao Instituto de Ciências Jurídicas (ICJ) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Professor na faculdade Facy Devry Belém e na Escola Superior Madre Celeste (ESMAC). Doutorando em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: manoelrufinoadv@gmail.com.

entendem esses campos como domínios separados, Kristeva mostra que o sujeito é uma “dobra”, no sentido deleuziano, entre todos esses campos (MCAFEE, 2004, p. 1).

Fazendo uma análise do repertório teórico de Julia Kristeva, verifica-se que o conceito de “abjeção” ocupa uma posição central. No livro *Powers of Horror*, publicado originalmente em 1982, a autora desenvolve um relato tanto poético quanto teórico das origens psíquicas e dos mecanismos de repulsa e nojo, ressaltando que o fenômeno psíquico da abjeção tem um papel central na produção de subjetividades. A filósofa desenvolve o conceito de “abjeção” para descrever e explicar rupturas espaciais e temporais na vida do sujeito e, em particular, aqueles momentos em que o sujeito experimenta uma assustadora perda de distinção entre o “Eu” e o “Outro”. Como processo psíquico, a abjeção representa o ato de expulsar o que é considerado “outro” para “si mesmo”, sendo um meio de definir as fronteiras da subjetividade a partir dessa ameaça de dissolução do próprio senso de si.

Em seus estudos psicanalíticos acerca da “abjeção”, Julia Kristeva utiliza a categoria científica “poluição” desenvolvida pela antropóloga cultural Mary Douglas no seu ensaio *Purity and Danger*, publicado originalmente em 1966. Transpondo o entendimento simbólico de sujeira para a sociedade, Mary Douglas (1966, p. 139) entende que uma “pessoa poluidora” é aquela que está sempre em erro, que desenvolveu uma condição indevida ou que, simplesmente, cruzou uma linha que não deveria ter sido cruzada, e este desvio desencadeia perigo para alguém. Nesse caso, um sujeito poluidor é aquele que fica fora dos limites impostos pela comunidade e se torna “sujo”, “impuro” porque está fora de lugar e, portanto, causa confusão e perturbação na ordem social. Nesse caso, surge a urgência de se livrar da poluição ou do sujeito poluidor para preservar a ordem social.

Posteriormente, o conceito de “abjeção” se tornou uma referência de extrema relevância para a obra de Judith Butler, que referencia os escritos de Mary Douglas e Julia Kristeva, mas passa a discutir a abjeção sob uma perspectiva sociológica. Na obra *Problemas de gênero*, escrita no ano de 1990, Judith Butler (2017, p. 229) utiliza o conceito de abjeção de Julia Kristeva para discutir a existência de “seres abjetos” que transgridem as fronteiras do corpo através de certas práticas poluidoras. Posteriormente, na sua obra *Corpos que importam*, publicada originalmente em 1993, a autora defende que o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produz um exterior constitutivo para ele, um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito (BUTLER, 2011, p. 22). Nessa obra, Butler (2011, p. 319) propõe

uma “politização da abjeção”, uma vez que a produção do não simbolizável, do indizível, do ilegível é também sempre uma estratégia de abjeção social.

Por essa razão, defende-se a relevância do pensamento de Kristeva e o potencial heurístico do conceito de “abjeção”, muito embora a obra *Powers of Horror* nunca tenha sido traduzida oficialmente para o português. Apesar dessa ausência, muitas de suas obras chegaram a ser traduzidas para a língua portuguesa, podendo ser mencionadas *Sentido e contra-senso da revolta* (2000), *História da linguagem* (2007), *No princípio era o amor: psicanálise e fé* (2010), *Introdução a semanálise* (2012), *Meu alfabeto: ensaios de literatura, cultura e psicanálise* (2017) e *Beauvoir presente* (2019).

Para além disso, defende-se também a importância da leitura articulada de Julia Kristeva com Mary Douglas, tendo em vista as contribuições do conceito antropológico de poluição de Mary Douglas para o desenvolvimento do conceito psicanalítico de abjeção. De igual maneira, é necessário o estudo da interlocução feita entre Julia Kristeva e Judith Butler, considerando que esta última se utilizou do conceito kristeviano de abjeção para propor um conceito sociológico de abjeção. Tendo em vista esta passagem do antropológico para o psicanalítico e do psicanalítico para o social, propõe-se a discussão acerca dos diálogos que essas autoras realizam entre si, principalmente no que tange ao conceito de abjeção enquanto transposição das fronteiras do ser.

Para tanto, o texto é dividido em três partes: na primeira seção, será apresentado o conceito de abjeção, conforme desenvolvido na obra *Powers of Horror* de Julia Kristeva. Na segunda seção, será analisada a interlocução de Julia Kristeva com Mary Douglas e seu estudo sobre sujeira e poluição na obra *Pureza e Perigo*. Por fim, será discutida a recepção de Julia Kristeva nos escritos da filósofa estadunidense Judith Butler, em especial em seu livro *Corpos que Importam*, no qual a abjeção toma um aspecto social e a poluição permite discutir a existência de “pessoas poluidoras”. A partir da leitura da obra *Powers of Horror* em consonância com escritos de Mary Douglas e de Judith Butler, busca-se entender como o conceito kristeviano de abjeção teve desdobramentos psicanalíticos, antropológicos e sociológicos ao longo das décadas nas obras dessas autoras.

1 Abjeção como a transposição das fronteiras do "eu"

Em *Powers of Horror*², Julia Kristeva leva o leitor de volta à questão de como a subjetividade é constituída, isto é, a como uma pessoa passa a se ver como um ser separado, com suas próprias fronteiras entre o “eu” e o “outro”. Na obra, Kristeva examina as várias ramificações da abjeção em diferentes aspectos da cultura. Nos dois primeiros capítulos, ela se concentra amplamente na psicanálise antes de concentrar sua atenção na compreensão de como o abjeto é administrado em diferentes sistemas culturais. No terceiro, quarto e quinto capítulos, Kristeva examina os ritos de contaminação de diferentes tradições religiosas e culturais. Além disso, no quarto e quinto capítulos, ela se concentra nos ritos de pureza bíblica das práticas judaico-cristãs e nas abordagens que os principais antropólogos adotaram ao examinar as tradições de contaminação.

Segundo Kristeva, nossa primeira experiência é de um reino de plenitude, de uma unidade com o ambiente e da *chora*³ semiótica. A criança surge sem fronteiras e estas devem ser desenvolvidas ao longo da vida. Como essas fronteiras são desenvolvidas, como o “eu” se forma, é uma das preocupações centrais da teoria psicanalítica de Julia Kristeva. Lacan defendia que a subjetividade surge quando uma criança, entre os 6 e os 18 meses de idade, se vê no espelho ou alguma superfície refletora equivalente e considera a imagem como ele próprio. Essa identificação de si mesmo com uma imagem é falsa, porque o “eu” e a “imagem” não são a mesma coisa, mas ela ajuda o bebê a desenvolver um senso de unidade em si mesmo. Onde antes a experiência pode ter sido de fluxo, de uma série de experiências e sensações, agora existe a ideia de que o “eu” é um ser unitário, um sujeito separado dos outros.

² No *corpus* teórico de Julia Kristeva, *Powers of Horror* é comumente agrupado com outros dois trabalhos como a “trilogia dos anos 80”, sendo os outros *Tales of Love* (1983) e *Black Sun: Depression and Melancholia* (1987). Sara Beardsworth (2004, p. 2) analisa que coletivamente esses trabalhos discutem três aspectos relacionados à subjetividade: horror, amor e melancolia na relação com a psicanálise. Mais comumente, porém, *Powers of Horror* é tratado como um trabalho autônomo e é o *Urtext* para o estudo de abjeção. Como explica Rina Arya (2014, p. 17), o impacto que “=*Powers of Horror* teve nas ciências humanas e sociais é indiscutível, marcando a “virada afetiva” que empregava a teoria como uma maneira de entender a experiência corporal, a afetividade e as emoções. Ao produzir a obra, Julia Kristeva estava interessada em teorias psicanaliticamente informadas da subjetividade e reintroduziu áreas de experiência que antes eram negligenciadas na teoria filosófica.

³ Julia Kristeva introduziu o conceito de “semiotic chora”, ou *chora* semiótica, na obra *La révolution du langage poétique*, publicada originalmente em 1974, para se referir ao estágio pré-lingual de desenvolvimento, no qual o indivíduo é dominado por uma mistura caótica de percepções, sentimentos e necessidades, e não distingue seu próprio eu de de sua mãe ou até mesmo do mundo ao seu redor. Em vez disso, o indivíduo gasta seu tempo absorvendo tudo o que sentiu como prazeroso, sem nenhum reconhecimento de limites. Este é o estágio, então, em que se está mais próximo da pura materialidade da existência, ou o que Lacan chama de “o real”. Nessa fase, segundo Kristeva, o indivíduo é puramente dominado por suas pulsões de vida e de morte (KRISTEVA, 1974, p. 19)

Apesar de Julia Kristeva concordar que o estágio do espelho pode trazer um senso de unidade, ela entende que, mesmo antes desse estágio, o bebê já começa a se separar dos outros para desenvolver fronteiras entre o “eu” e o “outro”. A criança desenvolve essas fronteiras por meio do que a autora chama de abjeção⁴, um processo de excretar, rejeitar algo que parece fazer parte de si mesmo. O abjeto é aquilo que alguém excreta, rejeita, quase violentamente exclui de si mesmo: desde os excrementos, os fluidos corporais e até mesmo o abraço sufocante de uma mãe. Contudo, como defende Kristeva, aquilo que é rejeitado é radicalmente excluído, mas nunca banido por completo. Ele paira na periferia da existência, desafiando constantemente as próprias fronteiras tênues da individualidade.

O que torna algo abjeto e não simplesmente reprimido é o fato dele não desaparecer completamente da consciência do sujeito. O abjeto é rejeitado, excretado, cuspidado para fora, mas permanece como uma ameaça inconsciente e consciente para o próprio “eu”, que se convence agora ser algo “limpo” e “adequado”. O abjeto é o que não respeita os limites, pelo contrário, os ameaça e contesta. Não é a repulsa física, a falta de limpeza ou saúde que causa a abjeção, “mas aquilo que perturba uma identidade, um sistema, uma ordem”, diz Kristeva, “é aquilo que não respeita os limites, os lugares, as regras” (KRISTEVA, 1982, p. 4).

Dessa forma, Julia Kristeva desenvolveu a categoria científica de “abjeção” para explicar um processo fundamental de subjetivação no qual ocorre um processo psíquico onde a identidade subjetiva se constitui por excluir qualquer ameaça às fronteiras do próprio sujeito. Em outras palavras, a abjeção ocorre pela rejeição do “outro” em “si mesmo”, a partir disso criando fronteiras tênues do próprio “eu”. Assim, a abjeção seria antes de tudo um sentimento de náusea e de desgosto causado pelo enfrentamento do indivíduo com aquilo que vive na fronteira entre o “eu” e o “outro”, emanado do sentido das pessoas, sendo de ordem biológica, social ou espiritual.

Para exemplificar o processo de abjeção, Julia Kristeva utiliza exemplos gráficos. Ao longo da obra *Powers of Horror*, a autora fala sobre leite coalhado, excremento, vômito e

⁴ Os termos “abjeto” e “abjeção” já existiam em vários idiomas, mas não haviam sido usados no meio acadêmico no sentido pensado por Julia Kristeva. O termo “abjeto” tem origem no latim *abjectus*, junção de *ab* (para longe, distante, para baixo) e *iacio* (jogar, lançar, arremessar), que significa “jogar fora” ou “expulsar, afastar ou expulsar”. Dessa forma, o termo “abjeção” pode ser usada em sentidos diferentes, mas relacionados, para se referir a uma operação (abjetar) e a uma condição (abjeção). No primeiro sentido, abjeção refere-se a um impulso ou operação para rejeitar aquilo que perturba ou ameaça a estabilidade do “eu”. Em segundo lugar, refere-se à condição miserável de estar neste estado, quando alguém experimentou o abjeto, ou se tornou abjeto. Como ensina Julia Kristeva (1982, p. 2), se o objeto, fazendo oposição, equilibra o sujeito na trama frágil de um desejo de sentido que, de fato, o homologa indefinidamente, infinitamente, o *abjeto*, pelo contrário, objeto baixo, é radicalmente um excluído e lança o indivíduo lá onde o sentido desmorona.

cadáveres, e de como sente aversão, repulsa, ojeriza, repugnância diante deles (KRISTEVA, 1982, p. 3). O nojo de comida, de sujeira, de dejetos, de lixo são exemplos perfeitos para mostrar a violência pela qual alguém rejeita tudo aquilo que ameaça e cria as fronteiras do “eu”. A percepção dos fluidos corporais como abjetos está presente no texto de Julia Kristeva ao entender que

Esses humores⁵, essa imundície, essa merda são aquilo que a vida suporta com muito custo e ao custo da morte. Ali eu estou nos limites de minha condição de viva. Desses limites se livra o meu corpo como [corpo] vivo. Esses dejetos caem para que eu viva, até que, de perda em perda, nada mais me reste, e que meu corpo caia por inteiro para além do limite, cadere, cadáver (KRISTEVA, 1982, p. 3-4)

Enquanto a secreção da mucosa, a urina, a saliva e a matéria fecal ainda nos permanecem internas, elas não nos causam repulsa. Contudo, quando esses dejetos saem de dentro de nós acabam por causar um sentimento de repulsa, de estranheza. Esses objetos ambíguos, que ao mesmo tempo são nossos e não são nossos, causam o sentimento de abjeção por não termos mais clareza sobre essa exterioridade, por estarem “fora” de nós, mas parecerem ainda nos pertencer.

Os fluidos corporais causam abjeção por se situarem nessa fronteira entre o “eu” e o “mundo”, entre o “indivíduo” e o “outro”, uma vez que não nos é possível saber o exato momento em que deixaram de ser “eu” e passaram a ser “outro”. Dessa maneira, habitam tanto o interior dos nossos corpos quanto o exterior. Eles existem no limiar, na fronteira, no que já não é interno, mas também ainda não é externo. A pele seria a fronteira do “eu” e do “outro”, mas os poros seriam os entre-espacos do corpo que permitem a sensação de abjeção por serem os canais pelos quais os abjetos corporais transitam.

Como bem explica Kristeva, a abjeção é antes de tudo uma ambiguidade, “porque ao passo que libera a apreensão, não corta radicalmente fora o sujeito/assunto que o ameaça ao contrário, a abjeção reconhece-o como em estado de constante perigo” (KRISTEVA, 1982, p. 9). Isto é, mesmo quando já não se encontram mais dentro de nós, devemos tomar conhecimento desses abjetos, uma vez que fazem parte da nossa constituição como sujeitos. Essa relação ambígua entre as fronteiras embaçadas do espaço interior e exterior que caracteriza o abjeto causa uma outra relação de ambiguidade entre a atração e a repulsa pelo

⁵ Nesse trecho, a palavra “humores” é adotada pela autora em seu sentido original, referente à medicina praticada na Antiguidade, ou seja, à teoria dos quatro humores, dos quatro fluídos corporais que afetariam a constituição dos indivíduos; a saber: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra, que procederiam, respectivamente, do coração, sistema respiratório, fígado e baço. Assim, a palavra possui a mesma conotação de “fluidos corporais”.

próprio abjeto. Contudo, ela não é apenas o relacionamento individual com as suas formas mais conhecidas como os fluidos corporais, é todo um conjunto de sistemas que nutre esse relacionamento.

2 Pensando o lixo, a poluição e a abjeção: Julia Kristeva, interlocutora de Mary Douglas

A escolha de fluidos corporais, excrementos e outras matérias corporais tidas como “sujas” para exemplificar o abjeto não é por acaso. Julia Kristeva utiliza a categoria científica de “poluição” desenvolvida pela antropóloga cultural Mary Douglas, no seu ensaio *Purity and Danger* (1966), como um dos fundamentos principais para o desenvolvimento das idéias sobre abjeção. Mary Douglas pensava o corpo físico como um símbolo social, argumentando que o corpo social reflete então como o corpo físico é experimentado. Dessa maneira, parte do princípio que a poluição e a sujeira desempenham papel importante em diversas práticas transculturais, razão pela qual é possível discutir o funcionamento de diferentes sociedades a partir da sua relação com a sujeira e a poluição.

Uma das premissas de *Purity and Danger* é que, para que as sociedades e as ordens culturais funcionem, são necessárias categorias que dividam os grupos e que precisam ter limites firmes que evitem invasões ou violações. Um colapso nessas categorias leva à poluição, que é perigosa porque causa interrupção da ordem, e a punição é frequentemente concedida ao agressor que causou a violação dos limites. Os limites são os pontos mais vulneráveis do sistema e onde a poluição e a sujeira são encontradas. Estudando as idéias que um povo tem sobre poluição, podemos entender mais sobre os sistemas e estruturas dessa sociedade, uma vez que, como diz a autora, "aqui onde há sujeira, há sistema" (DOUGLAS, 1966, p. 44).

Em suas investigações sobre sujeira, Mary Douglas explora diferentes sistemas e práticas culturais desde as sociedades tidas como primitivas até as modernas, com o objetivo de verificar as atitudes das pessoas em relação aos “impuros” ou “poluidores”. O que a autora percebe é que, embora todos achem universalmente ofensiva a sujeira e nossa repulsa ao que consideramos “impuro” possa ser universal, os objetos da abominação variam; a sujeira é culturalmente relativa. Dessa forma, “não existe sujeira absoluta: ela existe nos olhos de quem vê (...) nossas idéias sobre doenças são responsáveis pelo alcance de nosso comportamento na limpeza ou na prevenção da sujeira” (DOUGLAS, 1966, p. 2).

Algo que fica fora das estruturas de pedidos convencionais é "sujo", “impuro” e “poluidor” porque está fora de lugar e, portanto, causa confusão e perturbação na ordem social.

Assim, é preciso livrar-se da sujeira para preservar essa ordem. Por esse motivo, o que é marginal é evitado e considerado perigoso porque fica nos arredores do sistema. Os ritos e rituais funcionam para promover a separação entre entidades (sexos, classes, castas, religiões) que não devem aparecer juntas em um sistema, impedindo a contaminação e limpando e purificando se houver contaminação, como no caso do sistema hierárquico de castas indiano que trabalha de acordo com linhas religiosas e sociais e classifica as castas de acordo com sua relativa pureza ou impureza, o que se reflete nas condições socioeconômicas, posicionamento e regras de conduta entre as diferentes castas.

Em *Purity and Danger*, Mary Douglas defende que nosso medo da sujeira não é apenas uma aversão à falta de limpeza ou saúde, mas também ao que está fora da ordem. Douglas explica que nada é sujo por si só, mas as coisas ficam sujas em razão de sua má colocação no ambiente, e o medo associado à sujeira é realmente uma aversão mais arraigada de algo que está fora do lugar. Assim, podemos falar da sujeira como uma afronta à ordem e isso faz com que “eliminar a sujeira então não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o meio ambiente” (DOUGLAS, 1966, p. 2), removendo assim o material ofensivo. A limpeza, portanto, é tanto sobre ordem quanto sobre higiene.

Mary Douglas usa os termos “ambiguidade” e “anomalia” para categorizar a poluição e a sujeira enquanto aquilo que não se encaixa em um sistema. O termo “ambiguidade” significa aquilo que possui mais de um significado ou uma forma indeterminada e o termo “anomalia” significa aquilo que é uma exceção a uma categoria. Se algo é ambíguo ou anômalo, ele não se encaixa ou pertence a um sistema específico de classificação e é considerado "sujo" como resultado. Dessa forma, nota-se que os dois termos, "ambíguo" e “anômalo”, também foram adotados por Julia Kristeva para desenvolver o conceito de abjeto, aquilo que geralmente está entre dois estados, entre fronteiras, não podendo ser claramente classificado, exceto utilizando-se termos que transmitam seu status de “corpo estranho”.

Como exemplo, Mary Douglas explica que quando pensamos no que é sujo, muitas vezes somos atraídos para o conteúdo do corpo. As fezes, a urina e o muco geralmente provocam sentimentos de repulsa e podemos estar inclinados a designá-los como sujos em massa. No entanto, em seus respectivos lugares no corpo, seja no intestino, na bexiga ou nas passagens nasais, eles não seriam vistos como sujos. Os dejetos corporais apenas são vistos como sujos quando estão fora do organismo, do local no qual deveriam estar, pensamento este que influenciou determinantemente o Julia Kristeva sobre os fluidos corporais e excrementos

enquanto abjetos. Como exemplo, a saliva pode ser considerada limpa e benigna para o indivíduo, mas também pode vir a causar aversão e ser considerada suja.

Quando pensamos em engolir a saliva na boca, ou simplesmente realizamos essa atividade no presente momento, isso não nos causa qualquer aversão. Agora, quando imaginamos expectorar a saliva em um copo e beber todo o conteúdo, isso nos gera total repulsa. O que antes parecia natural e "nosso", de repente se torna repugnante e estranho por parecer o "outro". Enquanto a saliva está no local esperado da boca e não na superfície ou fora do corpo, consideramos esse fluido aceitável, limpo e até mesmo importante, já que essencial para o processo fisiológico da mastigação. Contudo, no momento que percebemos a saliva fora do lugar comum, separada do nosso corpo, ela se torna imediatamente suja, anti-higiênica, poluidora.

Como visto, uma vez que cruzou através de uma fronteira, a substância se torna poluidora e suja para nós. Essa mesma lógica vale para aqueles indivíduos que, uma vez separados de sua localização naturalizada e do outro lado da fronteira, deixam de ser entendidos como substâncias benignas e imediatamente se tornam estranhos, perigosos, poluidores. Mary Douglas nos lembra ao longo de praticamente todo o ensaio que aquilo que fica nas margens é perigoso por causa de sua proximidade com a fronteira, já que "qualquer estrutura de idéias é vulnerável em suas margens" (DOUGLAS, 1966, p. 150). E ainda, quanto mais próximo algo estiver do limite, maior a ameaça que ele representa.

O foco do conceito de abjeção de Julia Kristeva foi no desenvolvimento psicológico do indivíduo, no qual o sujeito busca um corpo "limpo e adequado" e sente aversão pelo "outro" que é identificado como poluidor, sujo, asqueroso. Contudo, a partir da leitura estruturalista de Mary Douglas, é importante perceber que a abjeção também faz parte de uma mentalidade coletiva e, portanto, é uma preocupação da sociedade em geral. Dessa maneira, fica claro que a abjeção é universal, parte integrante e distintiva da experiência de ser humano e um fenômeno experimentado transcultural e historicamente, embora as fontes específicas que a causam variem. Ao escrever e pensar em abjeção, é importante ser culturalmente sensível e reconhecer as particularidades das práticas.

3 Seres poluidores e corpos abjetos: Judith Butler, interlocutra de Julia Kristeva e Mary Douglas

O medo do outro é central para o conceito de "abjeção". Ao longo do trabalho, aprendemos que o medo do outro deriva de dentro e é um medo profundamente enraizado do

que queremos expulsar. Como visto, os fluidos corporais, dejetos e lixo são um bom exemplo disso. Mesmo na parte externa do corpo, eles têm uma relação integral com o eu, sempre ligados à imagem corporal. Contudo, o medo do outro pode ser deslocado para indivíduos e grupos da sociedade que estão à margem e são estigmatizados porque suas diferenças não são compreendidas. Eles são vistos como uma ameaça, um fato que legitima sua exclusão do tecido social. Em sua alteridade, são considerados abjetos, humildes e desprezíveis, e, voltando à etimologia, são “rejeitados”.

Mulheres, homossexuais, minorias étnicas, pessoas que vivem com HIV, pessoas com deficiência mental, todos esses grupos sofrem discriminação e são rejeitados pela sociedade em geral por causa da suposta ameaça que representam em seu status como “outro” e “abjeto”, o que aponta para uma dimensão social, e não apenas psíquica, da abjeção que não foi analisada suficientemente por Julia Kristeva em *Powers of Horror*. Como explica Rina Arya (2014, p. 7), muitos grupos sociais são vistos como sujos e contaminantes, da mesma forma que os resíduos corporais, e são tomadas medidas para desencorajá-los de serem considerados parte da sociedade convencional. Sua contínua marginalidade é uma maneira de afastá-los, aumentando assim a suspeita sobre eles e impedindo que fossem tomadas quaisquer medidas para integrá-los à corrente principal.

Na sua obra *Gender Trouble*, Judith Butler aborda o conceito de abjeção de Julia Kristeva para analisar a formação do “outro” como aquilo excretado do interno do “eu” sob uma perspectiva social. De maneira sintética, Butler interpreta Kristeva afirmando que esta sugere o uso da ideia estruturalista de um tabu construtor de fronteiras para construir o sujeito singular por exclusão. O abjeto seria aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente outro. A princípio parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é através da expulsão que o estranho é formado, estabelecido. A construção do abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito.

Dessa maneira, Judith Butler (2017, p 226) afirma que uma apropriação pós-estruturalista do conceito de coerência corporal de Mary Douglas permitiria compreender as fronteiras do corpo como os limites do socialmente hegemônico pensados a partir do conceito de abjeção de Julia Kristeva. De fato, em *Purity and danger* Mary Douglas (1966, p. 4) sugere que os próprios contornos do corpo são estabelecidos por meio de marcações que buscam estabelecer códigos específicos de coerência cultural. Todo discurso que visa definir as

fronteiras do corpo serve ao propósito de instaurar e naturalizar certos tabus concernentes aos limites, posturas e formas de troca apropriados que definem o que constitui o corpo.

Desse modo, a pessoa abjeta seria a pessoa poluidora, aquela que desenvolveu uma condição errada ou simplesmente ultrapassou uma fronteira que não deveria ter sido ultrapassada. Se o corpo é uma sinédoque para o sistema social ou um lugar em que convergem sistemas abertos, então todo tipo de permeabilidade não regulada constitui um lugar de poluição e perigo. Como exemplo, Simon Watney em *Policing desire: AIDS, pornography and the media* (1986) identificou a construção contemporânea da pessoa poluidora com a pessoa que vive com HIV, uma vez que o fato da doença ser transmitida pela troca de fluidos corporais sugere os perigos que as fronteiras corporais permeáveis representam para a ordem social. Judith Butler, por sua vez, indica o exemplo do sexo gay e lésbico como poluição, o que tornaria esses indivíduos seres abjetos:

Como o sexo anal e oral entre homens estabelece claramente certos tipos de permeabilidade corporal não sancionados pela ordem hegemônica, a homossexualidade constituiria, desse ponto de vista hegemônico, um lugar de perigo e poluição, anterior à presença cultural da aids e independente dela. De modo semelhante, o status poluído das lésbicas, a despeito de sua situação de baixo risco com respeito à aids, põe em relevo os perigos de suas trocas corporais. Significativamente, estar fora da ordem hegemônica não significa estar dentro de um estado sórdido e desordenado de natureza. Paradoxalmente, a homossexualidade é quase sempre concebida, nos termos da economia significativa homofóbica, tanto como incivilizada quanto como antinatural. A construção de contornos corporais estáveis repousa sobre lugares fixos de permeabilidade e impermeabilidade corporais. As práticas sexuais que abrem ou fecham superfícies ou orifícios à significação erótica em ambos os contextos, homossexual e heterossexual, reinscrevem efetivamente as fronteiras do corpo em conformidade com novas linhas culturais (BUTLER, 2017, p. 229)

Posteriormente, na sua obra *Bodies That Matter* (2011), Judith Butler, seguindo os passos de Foucault, examina a relação entre nomeação e poder. Ela discute como a construção dos sujeitos opera por meios excludentes, onde existem sexualidades normativas (a saber, heterossexualidade) e versões invertidas injetáveis disso (homossexualidade). Como explica Butler (2011, p. 111), essa matriz de exclusão pela qual os sujeitos são formados exige, assim, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são "sujeitos", mas que formam o constitutivo externo ao domínio do sujeito. Por exemplo, não há nada essencialmente abjeto na homossexualidade, mas ela é definida como abjeta e é tornada abjeta para reduzir sua ameaça. Essas posições abjetas têm status de pária e ocupam locais excluídos que resistem à possibilidade de articulação cultural:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas impossíveis de viver e habitar da vida social que nunca são densamente povoadas por aqueles que não gozam do status do sujeito, mas cujo habitar sob o signo do inabitável é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. Essa zona de

inabitabilidade constituirá o limite definidor do domínio do sujeito; constituirá aquele local de temida identificação contra a qual - e em virtude da qual - o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de autonomia e vida (BUTLER, 2011, p. 3)

Fica claro então que o interesse de Judith Butler no conceito de abjeção⁶ está nas “zonas abjetas”, ou seja, nos processos sociais amplos que, mesmo dizendo respeito à constituição subjetiva, transpassam o domínio social oprimindo corpos que buscam inteligibilidade. No abjeto de Butler encontramos fortes marcadores políticos, apesar da autora não anular ou esquecer dos marcadores individuais subjetivos. Em suma, abjeção para Butler é a maneira pela qual a ordem dominante excrementaliza seus despossuídos, ou seja, o modo pelo qual os outros se tornam desejos. No abjeto de Kristeva, encontramos fortes marcadores individuais, uma vez que a autora pensa a abjeção como um processo que diz respeito à constituição subjetiva. Apesar de encontrarmos, em algumas partes de *Powers of Horror*, citações referentes à abjeção como processo social, essa não é a preocupação de Julia Kristeva.

O conceito de abjeção social de Butler podem ser aplicado a outras variáveis de identidade que foram (ou continuam sendo) mistificadas e patologizadas, como etnia e raça, e crucialmente a autora desenvolve a importante ideia de que na sociedade alguns corpos são importantes e outros não, e precisam lutar por seus direitos, autonomia e dignidade. Ecoando essas idéias, Iris Young⁷ (1990, p. 145) argumenta que racismo, sexismo e homofobia são parcialmente estruturados pela abjeção e que o conceito de abjeção de Julia Kristeva é útil para melhor compreender como um marcador corporal pode definir alguns grupos como

⁶ O conceito de abjeção de Judith Butler é diferente da compreensão de abjeção de Julie Kristeva. A autora afirma que Kristeva associa a abjeção à categoria de forclusão (Verwerfung) de Lacan, ao passo que Butler faz uma outra leitura sobre a categoria. Como coloca a autora “Enquanto a noção psicanalítica de Verwerfung, traduzida como “forclusão”, produz sociabilidade através do repúdio de um significante primário que produz um inconsciente ou, na teoria de Lacan, o registro do real, a noção de abjeção designa uma condição degradada ou excluída dentro dos termos da sociabilidade. De fato, o que é rejeitado ou repudiado dentro dos termos psicanalíticos é precisamente o que não pode regressar ao campo do social sem que represente uma ameaça de psicose, ou seja, da própria dissolução do sujeito. Quero propor que determinadas zonas abjetas dentro da sociabilidade também apresentam essa ameaça, constituindo zonas inabitáveis que o sujeito fantasia como ameaçadoras à sua própria integridade, com a possibilidade de uma dissolução psicótica (eu preferiria morrer do que fazer ou ser isto!)” (BUTLER, 1993, p. 254)

⁷ Iris Young, na sua obra *Justice and the politics of difference* (1990), faz uma importante leitura do conceito de abjeção de Julia Kristeva, uma vez que busca entender o sexismo, a homofobia, o racismo e outras formas de opressão como modos de abjeção social. Como exemplo, Iris Young interpreta a homofobia como um sentimento de abjeção: “A homofobia é um dos medos mais profundos da diferença precisamente porque a fronteira entre homossexuais e heterossexuais é construída como a mais permeável; qualquer um pode se tornar gay, especialmente eu, então a única maneira de defender minha identidade é afastar-me com nojo irracional. Assim, podemos entender por que as pessoas que eliminaram com bastante êxito os sintomas do racismo e do sexismo, no entanto, frequentemente apresentam profunda homofobia” (YOUNG, 1990, p. 146)

repulsivos ou ameaçadores para alguns e produzir reações aversivas em relação aos membros desses grupos.

Para a autora, o repúdio de corpos em função de seu sexo, sexualidade, raça e outros marcadores de diferença é uma “expulsão” seguida de uma “repulsa” que fundamenta e consolida identidades culturalmente hegemônicas. Dessa maneira, grupos sociais⁸ que apresentam marcadores de diferença determinados pelo gênero, raça e sexualidade estariam presos em zonas de abjeção social. Como o abjeto é o “outro” não reconhecido pelo “eu” e que gera repulsa, asco, não há sentimento de compadecimento entre os habitantes das zonas inteligíveis de sexo, gênero e desejo para com os abjetos.

Esclarecendo o entendimento de certas vidas como abjetas, Judith Butler ressalta que, embora de fato não haja construção discursiva descolada da experiência do corpo, o abjeto “não se restringe de modo algum ao sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante’” (BUTLER, 2002, p. 161). Para exemplificar um corpo abjeto, a autora menciona os refugiados libaneses:

Poderia enumerar muitos exemplos do que considero ser a abjeção dos corpos. Podemos notá-la, por exemplo, na matança de refugiados libaneses: o modo pelo qual aqueles corpos, aquelas vidas, não são entendidos como vidas. Podem ser contados, geralmente causam revolta, mas não há especificidade. Posso verificar isso na imprensa alemã quando refugiados turcos são mortos ou mutilados. Seguidamente podemos obter os nomes dos alemães que cometem o crime e suas complexas histórias familiares e psicológicas, mas nenhum turco tem uma história familiar ou psicológica complexa que o *Die Zeit* alguma vez mencione, ou pelo menos nenhuma que eu tenha encontrado em minhas leituras desse material. Assim, recebemos uma produção diferenciada, ou uma materialização diferenciada, do humano. E também recebemos, acho eu, uma *produção* do abjeto. Então, não é que o impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido não tenha uma vida discursiva; ele certamente a tem. Mas ele vive dentro do discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real (BUTLER, 2002, p. 162)

“Mas seria um grave erro pensar que a definição do abjeto se esgota nos exemplos que dou”, como bem avisa Judith Butler, argumentando uma proteção do conceito de abjeção de

⁸ Beatriz Preciado (2011) argumenta que os “corpos abjetos”, ou seja, os corpos desprovidos de valor, são os corpos tipos como minorias sexuais, isto é, as lésbicas masculinas, gays afetados, as travestis, os/as transexuais, que juntas formam o que ela denominou de uma “multidão queer”. Além disso, acrescenta a autora, a principal estratégia dessa multidão seria afirmar-se como abjeto, ou seja, apropriarem-se das identificações negativas produzindo identificações de resistência à normatização. A abjeção destituiria a multidão queer de status de sujeito de direito, ao passo que as constitui na e pela exclusão, colocando-a num lugar de menos importante e fazendo com que lidemos com ela por meio do afastamento e da eliminação. Além disso, no entendimento de Iris Young (1990), as reflexões sobre abjeção em torno do gênero, da sexualidade, da pobreza e da negritude são fundamentais para salientar que a sexualidade não é a única zona de abjeção, mas sim uma entre diversos marcadores de diferença. Dessa maneira, ser travesti, pobre e negra constitui um modo distinto de ser um sujeito abjeto.

forma a “não poder ser captada através de seus exemplos, de modo que seus exemplos não pudessem se tornar normativos do que queremos significar por abjeto” (2002, p. 162). Sendo assim, a autora alerta que deve se tomar cuidado para que a categoria científica de abjeção não se torne paradigmática e acabe por produzir suas próprias exclusões, tornando-se fixa e normativa, rígida. Como alerta Butler, o que frequentemente acontece é que as pessoas apresentam teorias abstratas sobre abjeção, depois dão os exemplos, e estes se tornam normativos de todo o resto. Dessa forma, tomar a abjeção para apenas falar sobre os corpos que subvertem a ordem sexo-gênero-desejo seria um infeliz reducionismo do próprio conceito.

Dessa forma, o estudo de Judith Butler mostra a importância de pensar sobre as dimensões sociais da abjeção, o que envolve considerar as suas consequências na sociedade, explicando, sem justificar, a presença dos oprimidos e marginalizados que não recebem os mesmos direitos sociais. A publicação de *Bodies That Matter* ajudou a iniciar um exame mais aprofundado desses aspectos, que, por sua vez, renovaram o interesse acadêmico na obra *Powers of Horror* de Kristeva e sua aplicação a outras disciplinas das ciências humanas e sociais, como política e estudos culturais. É também um importante lembrete de que abjeção não é simplesmente um conceito abstrato que deve ser discutido apenas na academia, mas, como eloquentemente afirmado por Imogen Tyler (2009, p. 90), “a abjeção tem efeitos em corpos reais; a abjeção dói”.

Considerações finais

A partir das reflexões desenvolvidas ao longo do estudo, foi possível concluir que o conceito de abjeção ocupa uma posição central na teoria da subjetividade de Julia Kristeva. Em *Powers of Horror*, a autora desenvolve um relato tanto poético quanto teórico das origens psíquicas e dos mecanismos de repulsa e nojo, ressaltando que o fenômeno psíquico da abjeção tem um papel central na produção de subjetividades. Julia Kristeva desenvolve o conceito de abjeção para descrever e explicar rupturas espaciais e temporais na vida do sujeito e, em particular, aqueles momentos em que ele experimenta uma assustadora perda de distinção entre o “Eu” e o “Outro”. Como processo psíquico, a abjeção representa o ato de expulsar o que é considerado “outro” para “si mesmo”, sendo um meio de definir as fronteiras da subjetividade a partir dessa ameaça de dissolução do próprio senso de si.

Além disso, foi possível averiguar uma profunda interlocução entre Julia Kristeva e Mary Douglas, uma vez que o conceito de “poluição” de Mary Douglas, tanto no seu sentido simbólico quanto no seu sentido social, foi importante para Julia Kristeva desenvolver o conceito de abjeção. É curioso notar como o fenômeno de abjeção era abordado de forma antropológica por Mary Douglas, que, ao estudar o significado da poluição e da sujeira em várias sociedades, constatou que ambos representavam aquilo que está fora do lugar estabelecido. Transpondo esse sentido simbólico para um sentido mais amplo, o indivíduo “sujo” ou “poluidor” é aquele que está fora do seu local estabelecido pelas regras sociais. Em ambos os sentidos, a sujeira e o sujeito sujo devem ser expurgados, expulsos, excretados para que o sistema mantenha sua esterilidade.

Contudo, quando se trata das interlocuções entre Julia Kristeva e Judith Butler, existem aproximações e distanciamentos pela forma como as autoras abordam o conceito de abjeção, uma vez que Butler parte de uma compreensão mais sociológica do termo, ao passo que Kristeva foca no aspecto psicanalítico e subjetivo do fenômeno. Inspirada nos escritos de Douglas e Kristeva, Butler fala da “abjeção social” ou das “zonas abjetas”, referindo-se aos processos sociais amplos que oprimem corpos que transgridem as fronteiras das regras de inteligibilidade social. Para a filósofa estadunidense, quando existem corpos abjetos em função de seu sexo, sexualidade e raça e outros marcadores de diferença, verifica-se uma “expulsão” seguida de uma “repulsa” que fundamenta e consolida as identidades culturalmente hegemônicas da sociedade.

De maneira conclusiva, é possível enxergar um potencial heurístico no conceito de “abjeção”, para analisar o ato de expulsar o que é considerado “outro” para “si mesmo”, sendo um meio de definir as fronteiras da subjetividade. Não apenas considerando as fronteiras do indivíduo em si, sob uma perspectiva psicanalítica, mas também da sociedade como um corpo social, podendo assim se falar de abjeção sob uma perspectiva sociológica. Contudo, o caráter da exclusão social como uma forma de abjeção não é aprofundado nas obras de Julia Kristeva, que prefere focar no aspecto psicanalítico do fenômeno, pautando-se nos estudos de Sigmund Freud para tanto. Este aspecto sociológico da abjeção, inicialmente desenvolvido por Georges Bataille na década de 30, foi uma abordagem que veio a ser explorada por outras autoras contemporâneas que se inspiraram nos escritos de Kristeva, tais como Judith Butler e Iris Young.

É interessante notar que Mary Douglas, Julia Kristeva e Judith Butler oferecem grandes contribuições para o desenvolvimento do conceito, e, para além disso, essas autoras oferecem abordagens diversas para essa categoria científica. Na década de 80, o conceito de abjeção, inicialmente abordado sob um caráter antropológico nos estudos sobre “poluição”, migra de uma abordagem antropológica para uma abordagem psicanalítica quando Julia Kristeva utiliza o referencial teórico de Mary Douglas para tratar da abjeção como um fenômeno de subjetivação a partir do confronto com aquilo que transgride as fronteiras estabelecidas entre o “eu” e o “outro”. Na década de 90, quando Judith Butler publica seus escritos sobre abjeção inspirados em Douglas e Kristeva, vemos que a categoria científica sofre um novo deslocamento epistemológico, passando de uma abordagem psicanalítica para uma abordagem sociológica, falando-se então da abjeção social e de sujeitos poluidores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARYA, Rina. *Abjection and representation. An Exploration of Abjection in the Visual Arts, Film and Literature*. Reino Unido: Editora University of Wolverhampton, 2014.

BEARDSWORTH, Sara. *Julia Kristeva. Psychoanalysis and modernity*. Nova Iorque: State University of New York Press, Albany, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminino e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex*. Nova Iorque: Editora Routledge, 2011.

BUTLER, Judith. "Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler". *Revista de Estudos Feministas*, volume 10, número 1, 2002.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1966.

KRISTEVA, Julia. *Beauvoir presente*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2019.

KRISTEVA, Julia. *Meu alfabeto: ensaios de literatura, cultura e psicanálise*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2017.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

KRISTEVA, Julia. *No princípio era amor: psicanálise e fé*. São Paulo: Editora Verus, 2010.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. São Paulo: Edições 70, 2007.

KRISTEVA, Julia. *Sentido e contra-sentido da revolta: poderes e limites da psicanálise*. São Paulo: Editora Rocco, 2000.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror. An essay on abjection*. Nova Iorque: Editora Columbia University Press, 1982.

KRISTEVA, Julia. *La révolution du langage poétique. L'avant-garde à la fin du XIXe siècle. Lautréamont et Mallarmé*. Paris: Seuil, 1974.

PRECIADO, Beatriz. "Multidões queer: notas para uma política dos 'anormais'". *Revista Estudos Feministas*, volume 19, número 1. 2011.

MCAFEE, Noelle. *Julia Kristeva*. Nova Iorque: Editora Routledge, 2004.

TYLER, Imogen. "Against Abjection". *Revista Feminist Theory*, volume 10, 2009.

WATNEY, Simon. *Policing Desire: Pornography, AIDS, and the Media*. Nova Iorque: University of Minnesota Press, 1986.

YOUNG, Iris Maris. *Justice and the politics of difference*. Nova Jersey: Editora Princeton University Press, 1990